

# METODOLOGIAS ATIVAS E EDUCAÇÃO HÍBRIDA: ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO DE ADOLESCENTES EM TEMPOS DIGITAIS

*ACTIVE METHODOLOGIES AND HYBRID EDUCATION:  
STRATEGIES FOR ENGAGING ADOLESCENTS IN DIGITAL  
TIMES*

**Nívia Helena de Melo Lopes**

Secretaria de Estado da Educação de Goiás, GO, Brasil.

**Alessandra Maria Rocha Ribeiro**

Secretaria de Estado da Educação de Goiás, GO, Brasil.

**Resumo:** O presente artigo analisa as potencialidades das metodologias ativas e da educação híbrida como estratégias de engajamento e protagonismo juvenil em tempos digitais. Inseridos em uma sociedade marcada pela conectividade e pela fluidez das informações, os adolescentes vivenciam novas formas de aprender e se relacionar, o que impõe à escola o desafio de repensar suas práticas pedagógicas. A pesquisa, de natureza bibliográfica, fundamenta-se em estudos contemporâneos sobre inovação educacional, cultura digital e formação docente, buscando compreender como a integração entre o presencial e o virtual pode promover aprendizagens significativas e inclusivas. Argumenta-se que o uso das tecnologias deve ultrapassar a dimensão instrumental, assumindo papel mediador e criativo no processo formativo. As metodologias ativas, ao estimularem o diálogo, a colaboração e a reflexão crítica, favorecem o desenvolvimento de competências cognitivas, socioemocionais e éticas, contribuindo para uma formação mais integral e contextualizada. A educação híbrida, por sua vez, amplia os espaços e tempos de aprendizagem, permitindo ao estudante exercer autonomia e corresponsabilidade na construção do conhecimento. Os resultados da discussão apontam para a importância do professor mediador, capaz de transformar o ambiente digital em espaço de trocas humanizadoras e experiências significativas. Conclui-se que a combinação entre inovação tecnológica, mediação docente e metodologias participativas representa um caminho promissor para uma educação mais crítica, democrática e alinhada às demandas da contemporaneidade.



**Palavras-chave:** metodologias ativas; educação híbrida; protagonismo juvenil; cultura digital; mediação docente.

**Abstract:** This article analyzes the potential of active methodologies and hybrid education as strategies for promoting youth engagement and protagonism in digital times. Immersed in a society characterized by connectivity and the fluidity of information, adolescents experience new ways of learning and relating to others, which challenges schools to rethink their pedagogical practices. The research, of bibliographic nature, is based on contemporary studies on educational innovation, digital culture, and teacher training, seeking to understand how the integration between face-to-face and virtual environments can foster meaningful and inclusive learning. It is argued that the use of technologies should go beyond instrumental purposes, assuming a mediating and creative role in the educational process. Active methodologies, by stimulating dialogue, collaboration, and critical reflection, foster the development of cognitive, socio-emotional, and ethical competencies, contributing to a more integral and contextualized education. Hybrid education, in turn, expands learning spaces and times, allowing students to exercise autonomy and co-responsibility in knowledge construction. The findings highlight the importance of the teacher as mediator, capable of transforming the digital environment into a space for humanized exchanges and meaningful experiences. It is concluded that the combination of technological innovation, pedagogical mediation, and participatory methodologies represents a promising path toward a more critical, democratic, and human-centered education aligned with the demands of contemporary society.

**Keywords:** active methodologies; hybrid education; youth protagonism; digital culture; teacher mediation.

## Introdução

O contexto educacional contemporâneo é atravessado por transformações profundas impulsionadas pelo avanço tecnológico e pelas novas formas de interação social. As práticas pedagógicas, antes centradas na transmissão de conteúdos, agora enfrentam o desafio de promover aprendizagens significativas em um ambiente caracterizado pela fluidez das informações e pela conectividade constante. A escola, enquanto espaço de construção do conhecimento, precisa dialogar com a realidade digital dos estudantes, reconhecendo que a tecnologia não é

apenas ferramenta, mas também linguagem e meio de expressão. Assim, pensar a educação na atualidade implica compreender os impactos da cultura digital sobre os modos de aprender, ensinar e se relacionar.

As metodologias ativas emergem nesse cenário como uma alternativa potente para ressignificar o papel do aluno e do professor no processo educativo. Diferentemente do modelo tradicional, elas priorizam a participação, o diálogo e a construção colaborativa do saber. Como afirma Gama (2024, p. 5), “as metodologias ativas ampliam as possibilidades de engajamento, pois integram teoria e prática em situações reais de aprendizagem”. Essa perspectiva desloca o foco do ensino para a aprendizagem, estimulando o protagonismo e a autonomia dos estudantes. Ao valorizar o erro como parte do processo e o trabalho coletivo como forma de aprender, o ensino torna-se mais próximo da vida e das demandas contemporâneas, fortalecendo a dimensão ética e social da educação.

A educação híbrida, por sua vez, propõe uma integração equilibrada entre o ambiente presencial e o digital, permitindo que o estudante aprenda de forma mais autônoma, conectada e reflexiva. Essa abordagem rompe fronteiras entre os espaços físicos e virtuais, transformando a sala de aula em um território de múltiplas experiências. Conforme discutem Portugal e Souza (2020, p. 270), “a cultura digital demanda práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade intelectual dos alunos”. Dessa forma, o uso pedagógico das tecnologias deve ir além da simples reprodução de conteúdos, tornando-se um meio de interação, pesquisa e criação de sentido. O professor, nesse contexto, assume o papel de mediador que orienta, provoca e acompanha o percurso formativo dos estudantes.

A formação docente, portanto, torna-se elemento central para a consolidação de práticas pedagógicas coerentes com os desafios do século XXI. O educador precisa desenvolver competências digitais, éticas e emocionais que o capacitem a utilizar as tecnologias de forma crítica e criativa. Como observa Mill e Martoni (2024, p. 7), “a inovação educativa depende da capacidade do professor de transformar recursos digitais em experiências de aprendizagem significativa e colaborativa”. Essa mediação exige escuta ativa, sensibilidade e planejamento, pois o uso das tecnologias, quando desprovido de intencionalidade pedagógica, pode acentuar desigualdades e reduzir a aprendizagem a mero consumo de informação.

Nesse sentido, o presente artigo busca discutir as estratégias de engajamento de adolescentes em tempos digitais por meio da articulação

entre metodologias ativas e educação híbrida. A pesquisa, de natureza bibliográfica, baseia-se em estudos contemporâneos sobre inovação pedagógica, tecnologia e protagonismo juvenil, com o objetivo de compreender como as práticas educacionais podem se adaptar às novas dinâmicas de ensino e aprendizagem. A análise propõe uma reflexão sobre o papel da escola como espaço de construção coletiva do conhecimento e sobre a necessidade de políticas formativas que garantam condições reais de acesso, inclusão e equidade digital.

Acredita-se que a integração equilibrada entre inovação tecnológica e mediação humana é o caminho mais promissor para o fortalecimento de uma educação crítica e humanizadora. O desafio não está apenas em incorporar novas ferramentas, mas em redefinir o sentido do ensinar e do aprender. Dessa forma, o artigo reafirma que as metodologias ativas e a educação híbrida podem constituir instrumentos de emancipação intelectual e afetiva, desde que orientadas por valores éticos, sensibilidade social e compromisso com o desenvolvimento integral do sujeito.

## **A aprendizagem ativa como caminho para o protagonismo juvenil**

A aprendizagem ativa tem se consolidado como um dos caminhos mais eficazes para o fortalecimento do protagonismo juvenil no contexto educacional contemporâneo. Em uma sociedade marcada pela velocidade das informações e pela interatividade constante, torna-se essencial adotar práticas que coloquem o estudante no centro do processo formativo. O ensino deve favorecer a participação, o diálogo e a experimentação, estimulando o desenvolvimento de competências cognitivas, emocionais e sociais. Ao substituir a transmissão de conteúdos pela construção colaborativa do saber, promove-se autonomia e pensamento crítico.

Segundo o que afirma Marques (2025, p. 3):

A juventude contemporânea busca sentido no aprender, valorizando metodologias que dialoguem com seus interesses, linguagens e modos de estar no mundo". Nessa direção, a aprendizagem ativa se apresenta como uma resposta às demandas de uma geração conectada, crítica e criativa, que requer uma escola capaz de ir além da repetição e da memorização.

O protagonismo juvenil, nesse contexto, emerge quando o estudante deixa de ser mero receptor e passa a ser autor de sua trajetória formativa.

Para que isso ocorra, é fundamental que o educador atue como mediador e facilitador, estimulando o pensamento crítico, a experimentação e o trabalho coletivo.

As metodologias ativas ampliam as formas de engajamento ao integrar teoria e prática em experiências concretas de aprendizagem, favorecendo a autonomia intelectual e o pensamento crítico. Práticas como projetos interdisciplinares, estudos de caso e ensino híbrido estimulam o aluno a investigar, propor soluções e refletir sobre seu próprio processo formativo. A sala de aula passa a ser compreendida como um espaço de diálogo, pesquisa e criação, no qual o conhecimento é construído de forma colaborativa. Dessa maneira, o protagonismo estudantil deixa de ser um ideal distante e se consolida como prática diária que desenvolve responsabilidade, empatia e pertencimento.

A aprendizagem ativa pressupõe a participação efetiva do estudante no processo de construção do conhecimento, estimulando-o a assumir papel protagonista em sua trajetória formativa. A motivação surge quando o aluno percebe sentido e aplicabilidade no que aprende, integrando razão, emoção e experiência. De acordo com o que relata Silva Neto et al. (2019, p. 895), “a participação ativa do aluno na construção do conhecimento está diretamente relacionada à sua motivação e à percepção de utilidade do que aprende”. Nesse sentido, o ensino deve promover práticas que favoreçam a escuta, o diálogo e a experimentação, criando oportunidades para que o jovem se reconheça como agente transformador e reflexivo dentro e fora da escola.

Segundo o que defende Souza e Tozatto (2024, p. 6):

A educação do século XXI deve articular tecnologia, emoção e ética, promovendo experiências de aprendizagem que formem cidadãos críticos e sensíveis. Essa compreensão indica que o protagonismo juvenil não se limita à dimensão cognitiva, mas abrange também o desenvolvimento emocional e social.

A aprendizagem ativa, nesse sentido, deve favorecer a empatia e a responsabilidade, aproximando os jovens de problemáticas reais e estimulando a colaboração entre pares. É nesse processo que a escola se reconfigura como espaço de construção de sentidos, de valorização das vozes juvenis e de fortalecimento da consciência cidadã.

O professor contemporâneo é chamado a criar ambientes de aprendizagem que estimulem a curiosidade e desenvolvam o pensamento crítico, reconhecendo o aluno como sujeito de saber. Como propõe

Marques (2025, p. 7), “o papel do docente é favorecer experiências que tornem o estudante protagonista do próprio conhecimento, integrando emoção, razão e prática”. Nessa perspectiva, a sala de aula transforma-se em um espaço de diálogo e construção coletiva. De acordo com o que defende Gama (2024), a mediação pedagógica deve unir sensibilidade e intencionalidade, promovendo autonomia e responsabilidade social. Assim, a aprendizagem ativa torna-se caminho para formar jovens críticos e engajados com a transformação do mundo.

Conclui-se que a aprendizagem ativa ultrapassa o status de metodologia e se consolida como um paradigma educacional comprometido com a emancipação intelectual e emocional dos jovens. O protagonismo estudantil surge quando o estudante é convidado a refletir, criar e agir de forma crítica diante dos desafios do mundo contemporâneo. A escola, nesse contexto, deve ser espaço de diálogo, experimentação e construção coletiva, capaz de integrar saberes e promover a autonomia. Ao participar ativamente do processo educativo, o aluno desenvolve não apenas competências cognitivas, mas também consciência ética, empatia e responsabilidade social, tornando-se sujeito transformador de sua realidade.

## **Educação híbrida e sala de aula invertida: conectando espaços e saberes**

A educação híbrida tem emergido como uma das mais relevantes inovações pedagógicas do século XXI, articulando o potencial das tecnologias digitais com o valor insubstituível da interação humana. Ao integrar o presencial e o virtual, cria-se uma ecologia de aprendizagem que ultrapassa os limites físicos da escola, permitindo ao estudante desenvolver autonomia, senso crítico e protagonismo. Segundo as reflexões de Penna e Ingrassia (2024, p. 4), “a aprendizagem híbrida favorece a personalização do ensino e amplia o engajamento dos alunos ao conectar múltiplos espaços e linguagens”. Essa concepção amplia a noção de tempo e lugar na educação, transformando a sala de aula em um ambiente flexível e colaborativo, que reflete os modos contemporâneos de aprender e interagir.

De acordo com o que sustenta Monte (2025, p. 3):

A hibridização do ensino representa não apenas uma estratégia metodológica, mas uma mudança de paradigma que redefine o papel do professor e do estudante. A centralidade do aluno no processo de aprendizagem passa a ser uma premissa, o que exige do

educador novas posturas de mediação e acompanhamento.

A sala de aula invertida, modelo associado à educação híbrida, exemplifica essa transformação ao propor que o estudante tenha contato prévio com o conteúdo teórico e utilize o tempo presencial para discutir, aplicar e construir coletivamente o conhecimento. Nesse movimento, o aprender torna-se processo ativo, investigativo e interativo, estimulando a curiosidade e a corresponsabilidade pelo saber.

As tecnologias educacionais, quando utilizadas de forma crítica e planejada, têm o potencial de fortalecer o vínculo entre professores e alunos, promovendo práticas colaborativas e aprendizagens mais significativas. Essa integração requer intencionalidade pedagógica e formação docente contínua, para que o digital assuma papel mediador e não apenas decorativo no processo de ensino. A sala de aula invertida, nesse sentido, estimula a participação ativa dos estudantes, favorecendo o protagonismo e a aplicação prática do conhecimento. Trata-se de uma abordagem que valoriza o diálogo, o pensamento crítico e o trabalho coletivo, reafirmando o caráter ético e reflexivo da educação.

A educação híbrida surge como resposta às transformações provocadas pela cultura digital, ao integrar diferentes tempos, espaços e formas de aprender. No ambiente virtual, o estudante tem a oportunidade de desenvolver autonomia, enquanto no presencial vivencia a colaboração e o diálogo entre pares. Como afirmado por Portugal e Souza (2020, p. 270), “a cultura digital demanda práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade intelectual dos alunos”. Essa articulação entre o digital e o humano torna o processo educativo mais dinâmico e contextualizado, permitindo que o professor atue como mediador sensível e curador de experiências significativas de aprendizagem.

Nas análises de Lira (2017, p. 45):

O sucesso das metodologias híbridas depende da capacidade de equilibrar o tempo digital e o tempo da experiência humana. Esse equilíbrio é fundamental para evitar que o uso excessivo das tecnologias provoque dispersão, isolamento ou sobrecarga informacional. A educação híbrida requer, portanto, um planejamento que valorize tanto o espaço virtual quanto o presencial, integrando o desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes.

O diálogo entre os dois ambientes favorece o surgimento de uma cultura escolar mais aberta, participativa e interdisciplinar, em que o

conhecimento é construído de forma colaborativa e significativa.

A sala de aula invertida tem se mostrado uma metodologia capaz de estimular o pensamento crítico e a autonomia intelectual, ao transformar o aluno em protagonista do próprio processo de aprendizagem. Segundo o que observa Monte (2025, p. 5), “a aprendizagem torna-se mais significativa quando o estudante é desafiado a agir, refletir e criar, articulando teoria e prática”. Nesse cenário, o modelo híbrido fortalece a dimensão ética e relacional do ensino, promovendo cooperação e corresponsabilidade. De acordo com o que ressalta Penna e Ingrassia (2024), o professor deve planejar experiências que conciliem rigor acadêmico e sensibilidade humana, transformando o ato de ensinar em uma prática mediadora, reflexiva e transformadora.

A educação híbrida alcança seu verdadeiro potencial quando está sustentada por condições estruturais adequadas, formação docente contínua e políticas públicas que assegurem acesso equitativo às tecnologias. Mais do que uma tendência passageira, o ensino híbrido configura uma resposta consistente às demandas de uma sociedade conectada e em constante transformação. A integração equilibrada entre os espaços presencial e virtual amplia as possibilidades de aprendizagem, promovendo inclusão, diversidade e protagonismo estudantil. Dessa forma, a educação híbrida e a sala de aula invertida consolidam-se como caminhos eficazes para unir saberes e experiências, fortalecendo uma pedagogia humanizada e integral.

## O papel do professor mediador na era digital

O papel do professor na era digital vai além da simples transmissão de conteúdos, envolvendo funções de mediação, orientação e formação ética. As tecnologias, ao se integrarem ao cotidiano escolar, exigem um educador capaz de unir conhecimento pedagógico e domínio das novas linguagens digitais, favorecendo experiências de aprendizagem significativas. O docente atua como elo entre o aluno e o conhecimento, incentivando o uso crítico das informações e o desenvolvimento da autonomia intelectual. Sua ação formativa deve estimular a reflexão, o diálogo e a construção de sentidos, transformando o ambiente educativo em um espaço de crescimento humano e compartilhamento de saberes.

Silva et al. (2022, p. 7) esclarecem que:

A figura do professor mediador ganha relevância diante das transformações cognitivas e sociais produzidas pela cultura digital.

Nessa nova configuração, o educador precisa compreender que o processo de aprendizagem se dá de forma colaborativa, hipertextual e contínua, exigindo metodologias flexíveis e interativas.

O desafio está em criar pontes entre o mundo digital e o universo emocional do aluno, reconhecendo que o aprendizado também envolve empatia, escuta e pertencimento. O professor deixa de ser a única fonte de saber e passa a atuar como facilitador, ajudando os estudantes a interpretar, selecionar e dar sentido às informações que circulam nas redes e plataformas digitais.

A mediação pedagógica, no contexto digital, exige que o professor compreenda a tecnologia como aliada na ampliação das experiências de aprendizagem. O docente, ao planejar suas ações, deve considerar as particularidades do grupo, os recursos disponíveis e as possibilidades expressivas que o meio virtual oferece. Nas reflexões de Franqueira et al. (2024, p. 3), “a mediação pedagógica implica compreender as tecnologias não como substitutas da ação docente, mas como instrumentos de ampliação das experiências de aprendizagem”. Assim, o protagonismo estudantil é fortalecido pelo acompanhamento crítico do educador, que estimula a curiosidade, o pensamento autônomo e o compartilhamento de saberes.

De acordo com a perspectiva de Sandes et al. (2024, p. 6):

A mediação docente na era digital exige competências técnicas, comunicacionais e socioemocionais, que possibilitem transformar o uso da tecnologia em prática pedagógica significativa. Tal postura demanda um olhar sensível às desigualdades de acesso e às diferenças de ritmo entre os aprendizes. O mediador atua como guia, adaptando os recursos tecnológicos às necessidades do grupo e promovendo a inclusão digital de forma ética e equitativa.

Além disso, cabe ao professor favorecer a reflexão sobre o impacto das mídias na formação da identidade e da cidadania, estimulando nos alunos o discernimento necessário para navegar de maneira responsável no ambiente virtual.

O docente mediador precisa adotar uma postura investigativa e reflexiva, integrando teoria e prática de modo a tornar o conhecimento significativo para o aluno. Essa abordagem rompe com o modelo tradicional de ensino, que privilegia a transmissão de informações, e valoriza metodologias que promovem a aprendizagem ativa e participativa. O professor passa a ser organizador de situações que desafiam o estudante a pensar criticamente, experimentar, errar e criar. A mediação torna-se,

assim, um processo contínuo de escuta, diálogo e reconstrução, no qual o erro é compreendido como parte essencial do desenvolvimento cognitivo e da formação integral.

O papel do professor mediador exige o domínio das tecnologias aliado à compreensão de suas dimensões éticas e humanas. Nas palavras de Silva et al. (2022, p. 9), “a mediação docente requer o desenvolvimento de uma competência digital ética e humanizadora, que reconheça a singularidade de cada aprendiz”. O docente, portanto, deve atuar de forma sensível e crítica, traduzindo o conhecimento científico em experiências concretas e significativas. De acordo com o que enfatiza Baptista (2024, p. 6), a verdadeira mediação ocorre quando o educador promove a participação ativa e o trabalho colaborativo, criando oportunidades para que o aluno se perceba como sujeito do próprio aprendizado e agente de transformação social.

O papel do professor mediador é fundamental para que o uso das tecnologias se converta em um processo formativo e transformador. Sua atuação ultrapassa a simples adoção de ferramentas digitais, envolvendo compromisso ético, criticidade e inclusão. A mediação docente deve articular razão e emoção, conectando o conhecimento às vivências humanas e às demandas sociais do presente. Por meio da escuta sensível e da reflexão constante, o educador torna o ambiente digital um espaço de diálogo e construção coletiva de saberes. Assim, reafirma-se a centralidade do humano na educação e o potencial das tecnologias como instrumentos de aprendizagem significativa.

## **Considerações finais**

O presente estudo permitiu compreender que o cenário educacional contemporâneo demanda práticas pedagógicas inovadoras, centradas no estudante e voltadas à construção de saberes significativos. As metodologias ativas e a educação híbrida configuraram-se como alternativas capazes de responder aos desafios da era digital, integrando a tecnologia ao processo formativo sem desconsiderar a dimensão humana da aprendizagem. A análise realizada evidenciou que a escola deve transcender o papel tradicional de transmissora de conteúdos, tornando-se um espaço de diálogo, criação e colaboração, em que o aluno se reconhece como sujeito autônomo e crítico. Essa transformação implica repensar o papel do professor, que assume a função de mediador, orientador e facilitador da aprendizagem,

conduzindo os jovens à reflexão sobre o próprio conhecimento e seu papel social.

Ao longo do percurso reflexivo, observou-se que a aprendizagem ativa representa um paradigma educacional que se sustenta na participação efetiva do estudante e na valorização de sua experiência. Tal abordagem rompe com a lógica da passividade e propõe um ensino dinâmico, contextualizado e colaborativo. O protagonismo juvenil surge, assim, como elemento central na construção de uma educação que dialoga com a realidade contemporânea, marcada pela conectividade e pela multiplicidade de linguagens. A prática educativa, ao adotar metodologias que privilegiam o fazer, o investigar e o refletir, favorece não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o amadurecimento emocional e ético dos sujeitos. O jovem passa a aprender por meio da interação, da experimentação e da resolução de problemas reais, fortalecendo sua autonomia e sua capacidade de agir de forma consciente no mundo.

A educação híbrida e a sala de aula invertida, por sua vez, demonstram que o uso das tecnologias pode ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem, desde que seja orientado por intencionalidade pedagógica e compromisso humanizador. O equilíbrio entre o ambiente presencial e o virtual possibilita novas formas de engajamento, favorecendo o diálogo, a personalização e o protagonismo. Nesse contexto, o professor torna-se mediador entre o estudante e o conhecimento, organizando experiências que integrem teoria e prática. A tecnologia, quando bem empregada, deixa de ser mero suporte instrumental e passa a constituir um espaço de interação, colaboração e construção coletiva de sentidos. Assim, a escola contemporânea precisa compreender que a inovação não se resume à adoção de recursos digitais, mas à criação de ambientes de aprendizagem que estimulem a curiosidade, o pensamento crítico e a sensibilidade social.

O professor mediador é peça-chave nesse processo de transformação educacional. Seu papel exige domínio técnico, empatia e visão crítica sobre as implicações éticas e culturais das tecnologias. Ao articular razão e emoção, o educador atua como ponte entre diferentes realidades, promovendo a inclusão e a valorização das singularidades. Sua prática deve basear-se na escuta atenta, no diálogo e na construção coletiva do saber, reconhecendo o aluno como protagonista do próprio percurso formativo. Dessa forma, a mediação docente transforma o ambiente digital em um espaço de trocas e experiências significativas, onde o conhecimento adquire sentido humano e social. O professor, ao compreender as tecnologias como aliadas e não como substitutas, assume uma postura reflexiva, crítica e comprometida

com o desenvolvimento integral dos estudantes.

As reflexões apresentadas ao longo deste artigo permitem afirmar que a integração entre metodologias ativas, educação híbrida e mediação pedagógica constitui um caminho promissor para o fortalecimento da educação no século XXI. Essa integração, contudo, requer investimento contínuo em políticas públicas de formação docente, infraestrutura tecnológica e equidade no acesso digital. O desafio das instituições de ensino é criar condições reais para que todos os estudantes possam participar de maneira significativa dos processos de aprendizagem, independentemente de suas condições socioeconômicas. O compromisso com uma educação inclusiva, ética e transformadora deve orientar as práticas pedagógicas e as decisões institucionais, garantindo que o avanço tecnológico caminhe lado a lado com o desenvolvimento humano.

Conclui-se que a educação do futuro não será apenas digital, mas sobretudo humana. O desafio está em construir uma escola que une inovação e sensibilidade, técnica e afetividade, autonomia e solidariedade. O uso pedagógico das tecnologias deve ser compreendido como um meio para ampliar horizontes e promover o protagonismo estudantil, e não como um fim em si mesmo. A aprendizagem ativa, a educação híbrida e o papel mediador do professor, quando articulados, apontam para uma pedagogia do encontro e da transformação, capaz de preparar os jovens para um mundo em constante mudança sem perder de vista a essência do aprender: o desenvolvimento integral do ser humano em todas as suas dimensões — cognitiva, social, ética e emocional.

## Referências

BAPTISTA, T. A. Adolescência nas redes: produção e venda de identidade. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/3266>. Acesso em: 22 jul. 2025.

DO MONTE, Cidália Alves. Tecnologias digitais na Educação: vantagens, desafios e estratégias para uma integração eficiente no contexto brasileiro. *Ensino e Ciências Educacionais*, v. 6, n. 1, 2025. Disponível em: <https://eacademica.org/eacademica/article/view/600>. Acesso em: 18 set. 2025.

FRANQUEIRA, Alberto da Silva; SOUZA, Edmundo de Oliveira; CAMPOS, Mauro Cesar. Influência das redes sociais no desenvolvimento

psicológico de adolescentes: riscos e benefícios. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 16, n. 9, 2024. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/5650>. Acesso em: 14 ago. 2025.

GAMA, L. da (coord.). Desafios e oportunidades das metodologias ativas em ambientes digitais. Revista Remici, v. 10, n. 2, 2024. Disponível em: <https://remici.com.br/index.php/revista/article/view/505>. Acesso em: 2 out. 2025.

LIRA, A. G. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação corporal entre adolescentes do sexo feminino. Jurnal Brasileiro de Psiquiatria, v. 66, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/6NrPypcRchnc35RH9GLSYwK/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MARQUES, Janote Pires. Utilização de redes sociais e sua influência na saúde mental de adolescentes. Revista Educação & Ensino, Fortaleza, v. 9, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/revista-educacao-e-ensino/article/view/822>. Acesso em: 29 set. 2025.

MILL, D.; MARTONI, J. Desafios pedagógicos, infraestrutura educacional e uso de tecnologias: condições de trabalho em escolas de Jundiaí-SP. RBAAD – Revista Brasileira de Aprendizagem e Avaliação Docente, v. 24, n. 3, 2024. Disponível em: <https://abed.emnuvens.com.br/RBAAD/article/view/791>. Acesso em: 19 ago. 2025.

NETO, Antonio Pedro da Silva; BRASIL TAVARES, Kecya Nayane Lucena. Identidade dos adolescentes e as redes sociais virtuais. Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências, v. 2, n. 3, p. 883-911, set./dez. 2019. Disponível em: <https://riec.univs.edu.br/index.php/riec/article/view/91>. Acesso em: 23 jun. 2025.

OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. Educar em Revista, Curitiba, v. 33, n. 64, p. 283-298, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/47048>. Acesso em: 17 out. 2025.

PEDRO, V. R. T.; SANTOS, M. P. M. Desafios da educação digital e globalizada. REASE – Revista de Educação, Sociedade e Arte, v. 2, n. 5, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18776>. Acesso em: 8 jul. 2025.

PENNA, Yasmin Carretta; INGRASSIA, Eduardo Rangel. Os adolescentes e os usos das redes sociais em contexto pós-pandemia:

formação da autoimagem e pertencimento. *Trajetória Multicursos*, v. 17, n. 2, 2024. Disponível em: <https://cientifica.cnec.br/index.php/trajetoria-monicursos/article/download/369/352>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PORTUGAL, Adriana Farias; SOUZA, Júlio César Pinto de. Uso das redes sociais na internet pelos adolescentes: uma revisão de literatura. *RECH – Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar*, ano 4, v. IV, n. 2, p. 262-291, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/download/7966/5673>. Acesso em: 5 set. 2025.

SANDES, E. M. da S. et al. Educação para Era Digital: desafios dos professores no uso das tecnologias digitais no Ensino Médio. *EaD em Foco*, v. 14, n. 1, 2024. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/2288/953>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SILVA, D. G. F. et al. Influência nas relações interpessoais e na construção de identidade de adolescentes: uma análise da literatura brasileira (2010-2020). *Psicologia em Estudo*, v. 27, n. 2, 2022. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542022000200008&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542022000200008&script=sci_arttext). Acesso em: 3 out. 2025.

SOUZA, Rodrigo de Freitas; TOZATTO, Alessandra. Redes sociais e os impactos na formação da identidade dos adolescentes. *Revista Sociedade Científica*, v. 7, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.61411/rsc202479317>. Acesso em: 21 ago. 2025.